

sinopse Rokas e Inga são um casal lituano que se voluntaria para levar um camião de ajuda humanitária até à bacia do Donets, no extremo leste da Ucrânia. No percurso, vão conhecer várias pessoas. Entre elas estão alguns repórteres de guerra que os ajudarão a compreender o verdadeiro significado do conflito entre as forças separatistas. **Estreado no Festival de Cinema de Cannes, um filme dramático realizado pelo lituano Sharunas Bartas ("Três Dias", "Corredor", "Freedom"). Conta com a participação dos actores Mantas Janciauskas, Lyja Maknaviciute, Andrzej Chyra e Vanessa Paradis. Seleccionado para a Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes.**

Título original: Frost (Polónia / Lituânia / França /Ucrânia, 2017, 132 min.)
Realização: Sharunas Bartas
Interpretação: Andrzej Chyra, Mantas Janciauskas, Lyja Maknaviciute
Argumento: Sharunas Bartas, Anna Cohen Yanay
Fotografia: Eitvydas Doskus
Montagem: Dounia Sichov
Distribuição: Leopardo Filmes
Estreia: 2 de Março de 2018
Classificação: M/14



Um grande filme para pensar a Europa

João Lopes, DN

Foi um dos filmes maiores de Cannes/2017, surgindo agora, no contexto português, como a primeira grande estreia de 2018. O cineasta lituano Sharunas Bartas encena a odisséia de dois jovens lituanos, Rokas (Mantas Janciauskas) e Inga (Lyja Maknaviciute), que se oferecem para transportar ajuda humanitária até à Ucrânia.

Para além dos perturbantes sinais de guerra que vão encontrando, dir-se-ia que a instabilidade do território percorrido os leva a questionar o próprio mapa - geográfico, afetivo e simbólico - que lhes serve de referência.

No limite, este é um filme sobre a dificuldade de entender a palavra "Europa" num contexto em que se baralha a nitidez da sua memória, ao mesmo tempo que se contemplam os silêncios do seu futuro - filme pedagógico e político, numa palavra, de genuínas emoções.

O amor numa europa fria

Inês Lourenço, DN

Neste delicadíssimo filme, o lituano Sharunas Bartas retrata o amor em tempos de guerra de um modo que não estamos habituados a ver. Com um silencioso e enigmático romantismo, o cineasta põe o olhar na longa viagem de um jovem casal lituano encarregue de transportar ajuda humanitária para a Ucrânia, descortinando, à medida da proximidade física da guerra, uma dolorosa narrativa europeia.

Filmados como territórios periclitantes, os próprios rostos dos protagonistas são foco da mais complexa melancolia, que se espalha pela paisagem que os rodeia. Com esta última ambos partilham uma espécie de linguagem secreta, que se vai tornando cada vez mais inteligível, até ao final.

E se *Geadá* é um título perfeitamente adequado, isso deve-se à beleza triste do cenário de temperaturas negativas, sob o signo de uma jornada de impressões íntimas.

No coração das trevas

Geadá acaba em alta – acaba nas alturas. Seja bem regressado ao nosso convívio, Sr. Sharunas Bartas.

Luís Miguel Oliveira, Público de 2 de Março de 2018

Sharunas Bartas, há quanto tempo: desde 2000 que não estreava em Portugal um filme dele, depois naquela segunda metade dos anos 90 ter sido uma coqueluche da época da descoberta dos cinemas “pós-soviéticos”, com aquele rol de títulos (*Corridor*, *Few of Us*) feitos de granito, metafísica e atmosfera pós-punk, que puseram tanta gente a falar, por exemplo, de um encontro entre Tarkovski e os Joy Division. O eclipse de Bartas talvez tenha uma explicação, aqueles últimos filmes distribuídos por cá (*The House*, *Freedom*) pareciam mostrar um cineasta a filmar à medida das expectativas do seu público, num solipsismo abstracto e simbolista de que a nossa memória guarda essencialmente uma impressão de exasperação.

Em todo o caso, nada disso importa agora. Passaram quase vinte anos e o cinema de Bartas parece ter-se tornado noutra coisa. Desde logo, uma coisa profundamente embrenhada numa realidade histórica concreta e contemporânea. “*Geadá*” é a história de um casal de jovens lituanos que conduz uma furgonete carregada de “ajuda humanitária” entre Vilnius e as imediações de Donetsk, coração da estranhíssima guerra civil / invasão que desde há uns anos dilacera a Ucrânia (e há um ponto em que as personagens discutem precisamente isso: a Ucrânia vive uma guerra civil ou luta contra uma invasão russa?). Entre a Lituânia e a Ucrânia a furgonete passa pela Polónia, que com os outros dois forma o trio de países que co-produzem *Geadá*; três países que por razões aproximáveis tem bastante a recear da Rússia, e manda a honestidade que se diga que *Geadá* contém o suficiente para que se possa dizer que fazer (ou servir para) propaganda anti-russa é parte da sua razão de ser – algo que, por falar em honestidade, o filme prevê e assume, quando as personagens dizem, quase como se fossem porta-vozes do realizador, que podem apenas mostrar “um lado”. A esse lado, obviamente o lado do estado ucraniano, o filme oferece, numa longa cena, o microfone, quando dois soldados ucranianos falam da sua relação com o conflito e com o que está para eles em causa. É porventura o momento mais “oficial” do filme, em termos políticos, que Bartas tem a sagacidade de enformar em tom documental, como se fossem apenas dois homens, na frente de combate, a discursarem com uma energia que parece feita de espontaneidade (mas para os protagonistas do filme, os dois lituanos,

que praticamente se limitam a ouvir, esses dois homens continuam a ser “outros”, o olhar do filme não se chega a confundir com os deles).

Tom documental, dissemos, que é uma constante do filme, no seu trajecto, muito “road movie”, pelas estradas nevadas da Ucrânia, rumo ao “coração das trevas”- são brilhantes os primeiros planos em que as personagens percebem que chegaram “à guerra”, com a descoberta dos prédios destruídos ou o aparecimento, no meio da neve e da floresta, de uma coluna de tanques. Mostrar e falar de “política” e de “história” não é tudo, no entanto. Bartas filma os seus protagonistas como se eles vivessem uma réplica daquelas histórias arquetípicas sobre casais em crise em viagem por paisagens estranhas. Há ecos evidentes da Viagem a Itália de Rossellini, e ainda mais singularmente do “Desprezo” de Godard, naquela estranhíssima sequência do hotel de luxo em Kiev com o grupo de activistas ucranianos e franceses (é isto que lá está a fazer Vanessa Paradis), numa discussão cheia de blá blá blá (todos a “fazer política” no conforto de um hotel de 5 estrelas: aquilo começa a irritar e pela insistência percebe-se que Bartas quer mesmo que a gente se irrite, afinal quem vai pôr a pele em risco são os dois miúdos lituanos), noite que acaba com cada elemento do casal na companhia de um parceiro diferente.

Este aspecto dá outra vertigem ao filme: há um conflito interior, a desenrolar-se com o conflito militar, exterior, em redor. O que explica, talvez, que o filme siga em crescendo irracionalmente auto-destrutivo. Porque é que o rapaz, no fim, quer ir ver a linha de combate, ver o abismo com os seus próprios olhos e mergulhar nele? Nunca saberemos, mas nessa formidável sequência final Bartas, dando “a guerra” no seu estado mais puro, esquecendo os “lados” e as razões de cada um para ficar apenas com a brutalidade e a selvajaria, parece encontrar a força visual e o dramatismo “telúrico” de alguns clássicos tardios (anos 70) do cinema de guerra soviético. Vem-nos à memória o Ascensão de Larissa Shepitko, e pelo movimento ascendente do impressionante derradeiro plano (uma espécie de improvável encontro entre o Goya dos Desastres da Guerra e o Google Earth), talvez à memória de Bartas também tenha vindo. Geada acaba em alta – acaba nas alturas. Seja bem regressado ao nosso convívio, Sr. Sharunas Bartas.

